O VELHO DA HORTA

FIGURAS:

UM VELHO
UMA MOÇA
UM PARVO — Criado do velho
MULHER do velho
BRANCA GIL
UMA MOCINHA
UM ALCAIDE
BELEGUINS

A seguinte farsa, é o seu argumento, que um homem honrado e muito rico, já velho, tinha uma horta; e andando uma manhã por ela espairecendo, sendo o seu hortelão fora, veio uma moça de muito bom parecer buscar hortaliça, e o velho em tanta maneira se namorou dela, que por via de uma alcoviteira gastou toda sua fazenda. A alcoviteira foi açoitada, e a moça casou honradamente.

Foi representada ao mui sereníssimo Rei Dom Manuel o primeiro deste nome, era do Senhor de 1512.

O velho da horta

(*Entra o velho pela horta, rezando:*)

VELHO
Pater noster criador,
Qui es in coelis poderoso,
Sanctificetur, Senhor,
Nomen tuum vencedor,
Nos céus a terra piedoso.
Adveniat a tua graça,
Regnum tuum sem mais guerra;
Voluntas tua se faça
Sicut in coelo et in terra.

Panem nostrum, que comemos,
Quotidianum, teu é;
Escusá-lo não podemos:
Inda que o não merecemos,
Tu da nobis hodie.
Dimitte nobis, Senhor,
Debita nossos errores,
Sicut et nos, por teu amor,
Dimittimus qualquer error
Aos nossos devedores.

Et ne nos, Deus, te pedimos,
Inducas por nenhum modo

In tentationem caímos;
Porque fracos nos sentimos,
Formados de triste lodo.
Sed libera nossa fraqueza,
Nos a malo nesta vida.
Amen por tua graça,
E nos livre tua alteza
Da tristeza sem medida.

(*Entra a Moça na horta e diz o Velho*:)

VELHO
Senhora, benza-vos Deus.

MOÇA
Deus vos mantenha, Senhor.

VELHO
Onde se criou tal flor?
Eu diria que nos céus.

MOÇA
Mas no chão.

VELHO
Pois damas se acharão,
Que não são vosso sapato.

MOÇA
Ai! como isso é tão vão,
E como as lisonjas são
De barato.

VELHO
Que buscais vós cá, donzela,
Senhora, meu coração?

MOÇA
Vinha ao vosso hortelão
Por cheiros para a panela.

VELHO
E a isso
Vindes vós, meu paraíso,
Minha senhora, e não al[1]?

MOÇA
Vistes vós! Segundo isso,
Nenhum velho não tem siso
Natural.

VELHO
Oh! meus olhinhos garridos!
Minha rosa! meu arminho!

MOÇA
Onde é o vosso ratinho[2]?
Não tem os cheiros colhidos?

VELHO
Tão depressa
Vindes vós, minha condessa,
Meu amor, meu coração?

MOÇA
Jesu! Jesu! que coisa é essa?
E que prática tão avessa
Da razão!

Falai, falai d'outra maneira:
Mandai-me dar a hortaliça.

VELHO
Grão fogo d'amor m'atiça,
Oh! minha alma verdadeira!

MOÇA
E essa tosse?

[1] Outra coisa, o mais. (N. do E.)
[2] Hortelão, camponês beirão. (N. do E.)

Amores de sobreposse[3]
Serão os da vossa idade:
O tempo vos tirou a posse.

VELHO
Mais amo, que se moço fosse
Com a metade[4].

MOÇA
E qual será a desestrada[5],
Que atente em vosso amor?

VELHO
Oh! minh'alma e minha dor,
Quem vos tivesse furtada!

MOÇA
Que prazer!
Quem vos isso ouvir dizer
Cuidará que estais vós vivo,
Ou que sois para viver.

VELHO
Vivo não no quero ser,
Mas cativo.

MOÇA
Vossa alma não é lembrada
Que vos despede esta vida?

VELHO
Vós sois minha despedida,
Minha morte antecipada.

[3] Amores de sobreposse: amores forçados, artificiais. (N. do E.)
[4] Isto é, "amo muito mais agora do que se tivesse a metade da minha idade". (N. do E.)
[5] Desditosa. (N. do E.)

MOÇA
Que galante!
Que rosa! que diamante!
Que preciosa perla[6] fina!

VELHO
Oh! fortuna triunfante!
Quem meteu um velho amante
Com menina!

O maior risco da vida,
E mais perigoso, é amar
Que morrer é acabar,
E amor não tem saída.
E pois penado,
Ainda que seja amado,
Vive qualquer amador;
Que fará o desamado,
E sendo desesperado
De favor?

MOÇA
Ora dá-lhe lá favores!
Velhice, como te enganas!

VELHO
Essas palavras ufanas
Acendem mais os amores.

MOÇA
Ó homem, estais às escuras;
Não vos vedes como estais?

VELHO
Vós me cegais com tristuras[7],
Mas vejo as desventuras
Que me dais.

[6] Pérola. (N. do E.)
[7] Tristezas. (N. do E.)

MOÇA
Não vedes que sois já morto,
E andais contra natura?

VELHO
Ó flor da maior formosura,
Quem vos trouxe a este meu horto?
Ai de mi!
Porque assim como vos vi[8],
Cegou minha alma e a vida;
E está tão fora de si,
Que, partindo-vos daqui,
É partida.

MOÇA
Já perto sois de morrer:
Donde nasce esta sandice,
Que, quanto mais na velhice,
Amais os velhos viver?
E mais querida,
Quando estais mais de partida,
É a vida que deixais?

VELHO
Tanto sois mais homicida,
Que, quando amo mais a vida,
M'a tirais.

Porque minh'hora d'agora
Vale vinte anos dos passados;
Que os moços namorados
A mocidade os escora.
Mas um velho,
Em idade de conselho,
De menina namorado...
Oh! minh'alma e meu espelho!

[8] Assim que vos vi. (N. do E.)

MOÇA
Oh! miolo de coelho
Mal assado.

VELHO
Quanto for mais avisado
Quem d'amor vive penando,
Terá menos siso amando,
Porque é mais namorado.
Em conclusão,
Que amor não quer razão,
Nem contrato, nem cautela,
Nem preito, nem condição,
Mas penar de coração
Sem querela.

MOÇA
Ulos esses namorados[9]?
Desinçada é a terra deles[10]:
Olho mau se meteu neles:
Namorados de cruzados,
Isso sim.

VELHO
Senhora, eis-me eu aqui,
Que não sei senão amar.
Oh! meu rosto d'alfeni[11]!
Qu'em forte pontos vos vi
Neste pomar!

MOÇA
Que velho tão sem sossego!

VELHO
Que garridice me viste?

[9] Isto é, "Onde estão esses namorados?" (N. do E.)
[10] Isto é, "A terra está livre deles". (N. do E.)
[11] Massa delicada de alvíssimo açúcar. (N. do E.)

MOÇA
Mas dizei, que me sentiste,
Remelado, néscio, cego?

VELHO
Mas de todo
Por mui namorado modo
Me tendes minha senhora
Já cego de todo em todo.

MOÇA
Bem está quando tal todo
Se namora.

VELHO
Quanto mais estais avessa,
Mais certo vos quero bem.

MOÇA
O vosso hortelão não vem?
Quero-me ir, que estou de pressa.

VELHO
Oh! formosa,
Toda minha horta é vossa.

MOÇA
Não quero tanta franqueza.

VELHO
Não por me serdes piedosa;
Porque quanto mais graciosa,
Sois crueza.

Cortai tudo sem partido[12];
Senhora, se sois servida,
Seja a horta destruída,
Pois seu dono é destruído.

[12] À vontade. (N. do E.)

MOÇA
Mana minha,
Achastes vós a daninha,
Porque não posso esperar.
Colherei alguma coisinha,
Somente por ir asinha[13]
E não tardar.

VELHO
Colhei, rosa, dessas rosas,
Minhas flores, colhei flores.
Quisera que esses amores
Foram perlas preciosas,
E de rubis
O caminho por onde is,
E a horta d'ouro tal,
Com lavores mui sutis,
Pois que Deus fazer-vos quis
Angelical.

Ditoso é o jardim
Que está em vosso poder:
Podeis, senhora, fazer
Dele o que fazeis de mim.

MOÇA
Que folgura[14]!
Que pomar e que verdura!
Que fonte tão esmerada!

VELHO
N'água olhai vossa figura,
Vereis minha sepultura
Ser chegada.

MOÇA (*Canta:*)
Cual es la niña

[13] Depressa. (N. do E.)
[14] Alegria. (N. do E.)

Que coge las flores,
Sino tiene amores.
Cogia la niña
La rosa florida,
El hortelanico
Prendas le pedia,
Sino tiene amores.

(*Assim cantando colheu a Moça da horta o que vinha buscar, e acabado, diz:*)

MOÇA
Eis aqui o que colhi;
Vede o que vos hei de dar.

VELHO
Que m'haveis vós de pagar,
Pois que me levais a mim?
Oh! coitado!
Que amor me tem entregado
E em vosso poder me fino,
Porque são de vós tratado
Como pássaro em mão dado
D'um menino.

MOÇA
Senhor, com vossa mercê...

VELHO
Por eu não ficar sem a vossa,
Queria de vós uma rosa.

MOÇA
Uma rosa? para quê?

VELHO
Porque são
Colhidas de vossa mão,
Deixar-m'eis alguma vida,
Não isenta de paixão,

Mas será consolação
Na partida.

MOÇA
Isso é por me deter:
Ora tomai — acabar.
(*Tomou-lhe o Velho a mão.*)
Jesu! e quereis brincar?
Que galante e que prazer!

VELHO
Já me deixais?
Lembre-vos que me lembrais
E que não fico comigo.
Oh! marteiros[15] infernais!
Não sei por que me matais,
Nem o que digo.

(*Vem um Parvo, criado do Velho, e diz:*)

PARVO[16]
Dono, dizia minha dona
Que fazeis vós cá té à noite?

VELHO
Vai-te daí, não t'açoite.
Oh! dou ó demo a chaçona[17]
Sem saber.

PARVO
Diz que fosseis vós comer,
E que não moreis aqui.

---

[15] Martírios. (N. do E.)

[16] Gil Vicente procurava caracterizar os seus personagens pela linguagem. O Parvo é um rústico, e os termos por ele usados são em muitos casos ininteligíveis hoje em dia. (N. do E.)

[17] Mulher que tudo vê e descobre. (N. do E.)

VELHO
Não quero comer nem beber.

PARVO
Pois que haveis cá de fazer?

VELHO
Vai-te daí.

PARVO
Dono, veio lá meu tio,
Estava minha dona — então ela
Foi-se-lhe o lume pela panela,
Senão acertá-lo acario[18].

VELHO
Oh! Senhora,
Como sei que estais agora
Sem saber minha saudade!
Oh! Senhora matadora,
Meu coração vos adora
De vontade.

PARVO
Raivou tanto rosmear[19]
Oh! pesar ora da vida!
Está a panela cozida,
Minha dona quer jantar:
Não quereis?

VELHO
Não hei de comer, que me pês[20],
Nem quero comer bocado.

[18] Vem de "acarear", de a + cara: defrontar. (N. do E.)
[19] Resmungar. (N. do E.)
[20] Isto é, "ainda que me pese". (N. do E.)

PARVO
E se vós, dono, morreis?
Então depois não falareis,
Senão finado.

Então na terra nego jazer,
Então finar dono estendido.

VELHO
Oh! quem não fora nascido,
Ou acabasse de viver!

PARVO
Assim, pardeus[21].
Então tanta pulga em vós,
Tanta bichoca[22] nos olhos,
Ali c'os finados sós;
E comer-vos-ão a vós
Os piolhos.

Comer-vos-ão as cigarras,
E os sapos morreré, morreré.

VELHO
Deus me faz já mercê
De me soltar as amarras.
Vai saltando,
Aqui fico esperando:
Traze a viola e veremos.

PARVO
Ah! corpo de São Fernando!
Estão os outros jantando,
E cantaremos?

VELHO
Quem fosse do teu teor,

[21] Fórmula de juramento: "por Deus". (N. do E.)
[22] Verme. (N. do E.)

Por não sentir tanta praga
De fogo que não s'apaga
Nem abranda tanta dor!
Hei de morrer.

PARVO
Minha dona quer comer;
Vinde eramá[23], dono, que brada.
Olhai, eu fui-lhe dizer
Dessa rosa e do tanger,
E está raivada.

VELHO
Vai-te tu, filho Joanne,
E dize que logo vou,
Que não há tanto que ca'stou.

PARVO
Ireis vós para Sanhoanne
Pelo céu sagrado,
Que meu dono está danado.
Viu ele o demo no ramo.
Se ele fosse namorado,
Logo eu vou buscar outr'amo.

(*Vem a Mulher do Velho e diz:*)

MULHER
Ui! amara[24] do meu fado;
Fernandianes, que é isto?

VELHO
Oh! pesar do Anticristo
Co'a velha destemp'rada!
Vistes ora?

[23] Em má hora. (N. do E.)
[24] Amarga. (N. do E.)

MULHER
Esta dama onde mora?
Ui! amara dos meus dias!
Vinde jantar na má hora:
Que vos metedes agora
Em musiquias?

VELHO
Pelo corpo de São Roque
Comendo ó demo a gulosa.

MULHER
Quem vos pôs aí essa rosa?
Má forca que vos enforque!

VELHO
Não curar:
Fareis bem de vos tornar,
Porque estou mui mal sentido;
Não cureis de me falar,
Que não se pode escusar
Ser perdido.

MULHER
Agora co'as ervas novas
Vos tornastes garanhão.

VELHO
Não sei que é, nem que não,
Que hei de vir a fazer trovas.

MULHER
Que peçonha!
Havei má hora vergonha
A cabo de sessenta anos,
Que sondes[25] já carantonha[26].

[25] Sois. (N. do E.)
[26] Cara feia. (N. do E.)

VELHO
Amores de quem me sonha
Tantos danos.

MULHER
Já vós estais em idade
De mudardes os costumes.

VELHO
Pois que me pedis ciúmes,
Eu vo-lo farei verdade.

MULHER
Olhai a peça!

VELHO
Nunca o demo em al m'impeça[27],
Senão morrer de namorado.

MULHER
Quer já cair da tripeça,
E tem rosa na cabeça
E imbicado[28].

VELHO
Deixa-me ser namorado,
Porque o sou muito em extremo.

MULHER
Mas que vos tome inda o demo,
Se vos já não tem tomado.

VELHO
Dona torta.
Acertar por essa porta,
Velha mal aventurada,
Sair má hora da horta.

[27] Isto é, "que o demo em nada me impeça". (N. do E.)
[28] Apaixonado. (N. do E.)

MULHER
Ui, amara! aqui sou morta,
Ou espancada.

VELHO
Estas velhas são pecados,
Santa Maria val com a praga[29]!
Quanto as homem mais afaga,
Tanto são mais endiabradas.

(*Canta:*)

Volvido nos han volvido,
Volvido nos han
Por una vecina mala
Meu amor tolheu-me a fala,
Volvido nos han.

(*Vem Branca Gil, alcoviteira, e diz:*)

BRANCA
Mantenha Deus vossa mercê.

VELHO
Bofé[30], vós venhais embora.
Ah! Santa Maria senhora,
Como logo Deus provê!

BRANCA
Si aosadas.
Eu venho por mesturadas[31],
E muito depressa ainda.

[29] Isto é, "Santa Maria me valha contra essa praga". (N. do E.)
[30] À boa-fé. (N. do E.)
[31] Legumes vários. (N. do E.)

VELHO
Mesturadas mesandadas,
Que as fará bem guisadas
Vossa vinda.
O caso é: Sobre meus dias,
Em tempo contra razão,
Veio Amor sobre tenção,
E fez de mim outro Mancias[32] ,
Tão penado,
Que de muito namorado
Creio que me culpareis
Porque tomei tal cuidado;
E do velho destampado
Zombareis.

BRANCA
Mas antes, senhor, agora
Na velhice anda o amor;
O de idade d'amador
De ventura se namora;
E na corte
Nenhum mancebo de sorte
Não ama como soía.
Tudo vai em zombaria;
Nunca morrem desta morte
Nenhum dia.

E folgo ora de ver
Vossa mercê namorado;
Que o homem bem-criado
Até morte o há de ser
Por direito;
Não por modo contrafeito,
Mas firme, sem ir atrás,
Que a todo o homem perfeito
Mandou Deus no seu preceito:
Amarás.

[32] Trata-se de um trovador galego que se tornou símbolo do apaixonado infeliz. (N. do E.)

VELHO
Isso é o demo que eu brado,
Branca Gil, e não me val,
Que não daria um real
Por homem desnamorado.
Porém, amiga,
Se nesta minha fadiga
Vós não sois medianeira,
Não sei que maneira siga,
Nem que faça nem que diga,
Nem que queira.

BRANCA
Ando agora tão ditosa,
Louvores à Virgem Maria,
Que acabo mais do que qu'ria,
Pela minha vida e vossa.
D'antemão
Faço uma esconjuração
C'um dente de negra morta[33]
Até que entre pela porta,
Que exorta
Qualquer duro coração.

Dizede-me, quem é ela?

VELHO
Vive junto co'a Sé.

BRANCA
Já, já, já; bem sei quem é.
É bonita como estrela,
Uma rosinha d'abril.
Uma frescura de maio,
Tão manhosa, tão sutil!

[33] Os dentes dos mortos serviam para fazer feitiços. (N. do E.)

VELHO
Acuda-me, Branca Gil,
Que desmaio.

(*Esmorece o Velho, e a alcoviteira começa a ladainha seguinte:*)

BRANCA
Ó precioso Santo Arelhano,
— mártir bem-aventurado,
Tu que foste marteirado[34]
Neste mundo cento e um ano;
Ó São Garcia
Moniz, tu que hoje em dia
— Fazes milagres dobrados,
Dá-lhe esforço e alegria,
Pois que és da companhia
Dos penados.

Ó apóstolo São João Fogaça,
Tu que sabes a verdade,
Pela tua piedade
Que tanto mal não se faça.
Ó Senhor
Tristão da Cunha Confessor,
Ó mártir Simão de Sousa,
Pelo vosso santo amor
Livrai o velho pecador
De tal coisa.

Ó Santo Martim Afonso
De Melo, tão namorado,
Dá remédio a este coitado,
E eu te direi um responso

Com devoção.
Eu prometo uma oração,
Cada dia quatro meses,

[34] Martirizado. (N. do E.)

Porque lhe deis coração,
Meu Senhor São Dom João
De Menezes.

Ó mártir Santo Amador
Gonçalo da Silva, vós,
Vós que sois um só dos sós
Porfioso em amador
Apressurado,
Chamai o martirizado
Dom João d'Eça a conselho,
Dois casados num cuidado,
Socorrei a este coitado
Deste velho.

Arcanjo São Comendador
Mor d'Avis, mui inflamado,
Que antes que fosseis nado
Fostes santo no amor.
E não fique
O precioso Dom Anrique
Outro Mor de Santiago;
Socorrei-lhe muito a pique;
Antes que o demo repique
Com tal pago.

Glorioso São Dom Martinho,
Apóstolo e Evangelista,
Tomai este feito à revista,
Porque leva mau caminho,
E dai-lhe espírito.
Ó Santo Barão d'Alvito,
Serafim do Deus Cupido,
Consolai o velho aflito;
Porque inda que contrito,
Vai perdido.

Todos santos marteirados,
Socorrei ao marteirado,
Que morre de namorado,

Pois morreis de namorados.
Para o livrar
As Virgens quero chamar,
Que lhe queiram socorrer,
Ajudar e consolar,
Que está já para acabar
De morrer.

Ó Santa Dona Maria
Anriques, tão preciosa,
Queirais-lhe ser piedosa
Por vossa santa alegria.
E vossa vista,
Que todo o mundo conquista,
Esforce seu coração,
Porque à sua dor resista,
Por vossa graça e benquista
Condição.

Ó Santa Dona Joana
De Mendonça, tão formosa,
Preciosa e mui lustrosa,
Mui querida e mui ufana,
Dai-lhe vida,
Como outra santa escolhida,
Que tenho em *voluntas mea*,
Seja de vós socorrida,
Como de Deus foi ouvida
A Cananea.

Ó Santa Dona Joana
Manoel, pois que podeis,
E sabeis e mereceis
Ser angélica e humana,
Socorrê.
E vós, Senhora, por mercê,
Ó Santa Dona Maria
De Calataúd, porque
Vossa perfeição lhe dê
Alegria.

Santa Dona Catarina
De Figueiredo a Real,
Por vossa graça especial,
Que os mais altos inclina;
E ajudará
Santa Dona Beatriz de Sá:
Dai-lhe, Senhoras, conforto,
Porque está seu corpo já
Quase morto.

Santa Dona Beatriz
Da Silva, que sois aquela
Mais estrela que donzela,
Como todo o mundo diz;
E vós sentida
Santa Dona Margarida
De Sousa, lhe socorrê,
Se lhe puderdes dar vida,
Porque está já de partida,
Sem porquê.

Santa Dona Violante
De Lima, de grande estima,
Mui subida, muito acima
D'estimar nenhum galante;
Peço-vos eu,
E a Dona Isabel d'Abreu,
Que hajais dele piedade
C'o siso que Deus vos deu,
Que não morra de sandeu
Em tal idade.

Ó Santa Dona Maria
D'Ataide, fresca rosa,
Nascida, em hora ditosa,
Quando Júpiter se ria;
E se ajudar
Santa Dona Ana, sem par,
D'Eça bem-aventurada,
Podei-lo ressuscitar,

Que sua vida vejo estar
Desesperada.

Santas virgens conservadas
Em mui santo e limpo estado,
Socorrei ao namorado,
Que vós sejais namoradas.

VELHO
Oh! coitado!
Ai triste desatinado,
Ainda torno a viver;
Cuidei que já era livrado.

BRANCA
Qu'esforço de namorado
E que prazer!

Havede má hora aquela[35].

VELHO
Que remédio me dais vós?

BRANCA
Vivereis, prazendo a Deus,
E casar-vos-ei com ela.

VELHO
É vento isso.

BRANCA
Assim veja o paraíso,
Que não é ora tanto extremo.
Não curedes vós de riso,
Que se faz tão improviso
Como o demo:

[35] Isto é, "Que má hora foi aquela". (N. do E.)

E também d'outra maneira,
Se m'eu quiser trabalhar...

VELHO
Ide-lhe, rogo-vo-lo, falar,
E fazei com que me queira,
Que pereço;
E dizei-lhe que lhe peço
Se lembre que tal fiquei
Estimado em pouco preço:
E se tanto mal mereço
Não no sei.

E se tenho esta vontade,
Que não se deve enojar,
Mas antes muito folgar
Matar os de qualquer idade.
E se reclama
Que sendo tão linda dama
Por ser velho m'aborrece,
Dizei-lhe que mal desama,
Porque minh'alma, que a ama,
Não envelhece.

BRANCA
Sus, nome de Jesu Cristo,
Olhai-me pela cestinha.

VELHO
Tornai logo muito asinha,
Que eu pagarei bem isto.

(*Vai-se a alcoviteira e fica o Velho tangendo, e cantando a cantiga seguinte:*)

Pues tengo razon, señora,
Razon es que me la oiga.

(*Vem a alcoviteira e diz o Velho:*)

VELHO
Venhais embora, minha amiga.

BRANCA
Já ela fica de bom jeito;
Mas para isto andar direito,
É razão que vo-lo diga.
Eu já, senhor meu, não posso
Vencer uma moça tal
Sem gastardes bem do vosso.

VELHO
Eu lhe peitarei[36] em grosso.

BRANCA
Aí está o feito nosso,
E não em al.

Perca-se toda a fazenda
Por salvardes vossa vida.

VELHO
Seja ela disso servida,
Qu'escusada é mais contenda.

BRANCA
Deus vos ajude
E vos dê muita saúde,
Que isso haveis de fazer:
Que viola nem alaúde
Nem quantos amores pude
Não quer ver.

Remoçou-m'ela um brial
De seda e uns toucados[37].

[36] Pagarei. (N. do E.)
[37] Ou seja, "ela sugeriu que eu lhe desse presentes, um vestido de seda e toucados". (N. do E.)

VELHO
Eis aqui trinta cruzados;
Que lh'o façam mui real.

(*Enquanto a alcoviteira vai, o Velho torna a prosseguir seu cantar e tanger, e acabado, torna ela e diz:*)

BRANCA
Está tão saudosa de vós,
Que se perde a coitadinha:
Há mister uma vasquinha
E três onças de retrós.

VELHO
Tomai.

BRANCA
A benção de vosso pai.
(Bom namorado é o tal)
Pois que gastais, descansai:
Namorados de ai, ai,
Não são papa nem são sal.

Ui! tal fora se me fora!
Sabeis vós que m'esquecia?
Uma adela me vendia
Um firmal[38] d'uma senhora
C'um rubi,
Para o colo, de marfi,
Lavrado de mil lavores,
Por cem cruzados.

VELHO
Ei-los aí.

BRANCA
Isto má hora, isto sim,
São amores!

[38] Broche. (N. do E.)

(Vai-se, e o Velho torna a prosseguir sua música, e acabado torna a alcoviteira e diz:)

BRANCA
Dei má hora uma topada;
Trago as sapatas rompidas,
Destas vindas, destas idas,
E enfim não ganho nada.

VELHO
Eis aqui
Dez cruzados para ti.

BRANCA
(Começo com boa estréia.)

(Vem um Alcaide com quatro beleguins, e diz:)

ALCAIDE
Dona levantai-vos d'aí.

BRANCA
E que me quereis vós assim?

ALCAIDE
À cadeia.

VELHO
Senhores homens de bem,
Escutem vossas senhorias.

ALCAIDE
Deixai essas cortesias.

BRANCA
Não hei medo de ninguém:
Vistes ora?

ALCAIDE
Levantai-vos d'aí, senhora;

Dai ó demo esse rezar:
Quem vos fez tão rezadora?

BRANCA
Deixai-m'ora na má hora
Aqui acabar.

ALCAIDE
Vinde da parte d'el-Rei.

BRANCA
Muita vida seja a sua.
Não me leveis pela rua;
Deixai-me vós qu'eu m'irei.

VELHO
Sus, andar.

BRANCA
Onde me quereis levar?
Ou quem me manda prender?
Nunca havedes d'acabar
De me prender e soltar?
Não há poder.

ALCAIDE
Não se pode aí al fazer[39].

BRANCA
Está já a carocha aviada.
Três vezes fui já açoitada,
E enfim hei de viver.

(Levam-na presa e fica o Velho dizendo:)

VELHO
Oh! forte hora!

[39] Isto é, "Nada se pode fazer". (N. do E.)

Ah! Santa Maria Senhora!
Já não posso livrar bem;
Cada passo se empiora.
Oh! triste quem se namora
De ninguém!

(*Vem uma Mocinha à horta e diz:*)

MOÇA
Vedes aqui o dinheiro:
Manda-me cá minha tia,
Que assim como n'outro dia,
Lhe mandeis a couve e o cheiro.—
(*À parte.*) Está pasmado!

VELHO
Mas estou desatinado.

MOÇA
Estais doente, ou que haveis?

VELHO
Ai! não sei, desconsolado,
Que nasci desventurado.

MOÇA
Não choreis;

Mais malfadada vai aquela.

VELHO
Quem?

MOÇA
Branca Gil.

VELHO
Como?

MOÇA
Com cent'açoites no lombo,
E uma corocha por capela.
E ter mão[40];
Leva tão bom coração,
Como se fosse em folia.
Oh! que grandes que lh'os dão!

VELHO
E o triste do pregão
Por que dizia?

MOÇA
Por mui grande alcoviteira,
E para sempre degradada.
Vai tão desavergonhada,
Como ia a feiticeira.
E quando estava
Uma moça que casava
Na rua para ir casar,
E a coitada que chegava,
A folia começava
De cantar:

Uma moça tão formosa,
Que vivia ali à Sé...

VELHO
Oh! coitado! a minha é.

MOÇA
Agora má hora é vossa,
Vossa é a treva.
Mas ela o noivo a leva:
Vai tão leda e tão contente,
Uns cabelos como Eva.
Osadas que não se lhe atreve
Toda a gente.

[40] Isto é, "ter atenção". (N. do E.)

O noivo, moço tão polido,
Não tirava os olhos dela,
E ela dele. Oh! que estrela!
É ele um par bem 'scolhido.
Oh! roubado,
Da vaidade enganado,
Da vida e da fazenda!
Oh! velho, siso enleado,
Quem te meteu, desastrado,
Em tal contenda?

Se os jovens amores,
Os mais tem fins desastrados,
Que farão as cãs lançadas
No conto dos amadores!
Que sentias,
Triste velho, em fim dos dias,
Se a ti mesmo contemplaras,
Souberas que não sabias,
E viras como não vias,
E acertaras.

VELHO
Quero-m'ir buscar a morte,
Pois que tanto mal busquei.
Quatro filhas que criei,
Eu as pus em pobre sorte.
Vou morrer,
Elas hão de padecer,
Porque não lhes deixo nada
De quanta riqueza e haver
Fui sem razão despender
Mal gastada.